



MAIO

2022



Nova Atena
Sabedoria e Bem-Estar



Vamos Trazer a
Palavra Escrita
aos Nossos Dias!



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

MAIO

2022



Nova Atena
Saber e Bem-Esser

ÍNDICE

AUTOR	TÍTULO	PÁGINA
FAUSTINO VITAL	Os sons, os cheiros e a luz de Angola	2
FERNANDO BAPTISTA	Encontros e desencontros	3
FRANCISCO LOURENÇO	Visita ao Parque dos Poetas	4
GRAÇA CÊNCIO	Desabafos de um homem frustrado	5
GRAÇA CÊNCIO	Vontade de viver	6
JERÓNIMO PAMPLONA	Cávado – o rio da minha aldeia	7
JERÓNIMO PAMPLONA	Para existir basta nascer. Para ser é preciso...	8
JORGE PROENÇA	Lembranças de viagens	9
LUÍSA MACHADO RODRIGUES	Viagem ao fundo do mar	10
MARIA DA CONCEIÇÃO AREIAS	Mulher inteira	11
MARIA DE LOURDES SANTOS	O penteado da noiva	12
MARIA SILVEIRA	Mar	13
MARINA BRANDÃO LUCAS	A Quíloa do ouro	14
MITÚ BRANCO	Arco-íris em tempo de guerra	15
MITÚ BRANCO	Na soleira da porta	16
PILAR DA ENCARNAÇÃO	O meu gatinho chamado Tico	17
PILAR DA ENCARNAÇÃO	Reflexão sobre a Paz	18
TERESA CASTRO NUNES	Outro Eu	19



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Faustino Vital

género

POESIA PROSA

título

Os sons, os cheiros e a luz
de Angola

OS SONS, OS CHEIROS E A LUZ DE ANGOLA

É difícil para alguém que nunca esteve em África poder compreender totalmente o título acima.

Alguns sítios do continente africano tornam-se uma paixão para viver e, quando já não estamos lá restam as recordações que nos assaltam muitas vezes e a mente divaga quando não tem mais nada em que pensar. Angola que conheci era assim. Lembro distintamente, ainda hoje passados tantos anos, os cheiros da mata húmida em que o fogo raramente entra, em contraste com as extensões ondulantes de capim estaladiço e seco, amarelo trigo, que se alongava a perder de vista até aos limites das árvores cerradas e escuras da floresta. Como não lembrar a antecipação de uma grande trovoadas anunciando o início do tempo quente, grandes e pesados cúmulos escuros e prenes de chuva, que me provocava sempre dores de cabeça bem antes do desabar da torrente líquida e o alívio imediato quando esta começava a cair, acompanhada de trovões que se tinham aproximado a passos largos anunciando o seu poder, mais que muitos, e relâmpagos vibrantes, raios e coriscos, num troar de meter respeito. Os primeiros pingos grossos, pesados como pendentas de vidro fundido, batiam na terra solta do terreiro e levantava repuxos na poeira seca para logo de seguida toda a extensão ser um mar de marcas parecendo furar o solo. Não muito tempo depois já corriam muitos regatos em todas as direcções levando em aluvião a terra vermelha. E eu à janela e abrigado, ouvindo as pesadas gotas batendo forte nas chapas de zinco em saraivada e tamborilando com outro som diferente nalgumas pontas que estavam levantadas por mal pregadas ou em latões ou cacos de barro que por ali estavam. Música plena só com estes elementos. E, de repente acaba a cortina de chuva, clareia todo o ambiente e vejo refulgir o sol que brilhava e faiscava como diamante em coroa de rei. E, também de noite na mata escura, já depois dos guinchos tardios dos macacos saltando de ramo em ramo e depois aquietados, o estrondoso estalar de uma árvore idosa em fim de vida, a cair com fragor partindo outras suas vizinhas de uma centena de anos. E, falar do cacimbo é falar de algo misterioso, esse nevoeiro húmido, parado, abafador de sons, manto nubloso e permanente que só vagamente se diluía em farrapos quando tímido raio de sol o rasgava, deixando ver contornos vagos, impressivo e leitoso. Mas, do que eu mais me recordo é das brancas e lindas flores dos cafeeiros, parecendo até que estava no Puto *, admirando as vastas extensões de amendoeiras cobertas de ramos floridos. E o cheiro forte e adocicado que delas emanava e embriagava, permanecendo por larga zona, como se fosse em estufa formada pelas árvores altas e dispersas que os protegiam do sol.

Lindas flores, belo aroma, inesquecível “África Minha”, ou seria “Angola Minha”?

*Chamava-se à Metrópole em calão linguístico.



Nova Atena

Saber e Bem-Estar





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Fernando Baptista

género

POESIA PROSA

título

Encontros e desencontros

ENCONTROS E DESENCONTROS

Fico confuso a mais das vezes que penso fora de o normal pensar. Acredito que tem a ver com a passagem dos dias, quiçá, de muitos dias em que vou pensando noutras coisas.

Dei comigo a questionar(-me) mentalmente, da razão porque crescem as unhas e não crescem os dedos! Cresce o cabelo e não as pestanas! Crescem os comentadores televisivos e não cresce o interesse nos comentários!

É que os comentadores sabem tudo de todos os assuntos. Desde o rugby à guerra da Ukrania. Alguns nem precisam de encomenda, em directo respondem o que primeiro lhes vem à cabeça. Pena os seus partidos considerarem não poder ocupar o cargo de 1º ministro.

Os comentadores conseguem diagnosticar o colesterol dos portugueses, o seu ritmo cardíaco, plaquetas no sangue, hemorroidas, dor ciática (a atingir qualquer das pernas), claro tudo comentadores altamente qualificados! A maioria com Erasmos nas mais distantes e conhecidas (ou não) universidades do mundo.

Eu sei que tudo isto tem a ver com a idade. Já me vai custando cortar as unhas dos pés e a barriga não ajuda. Quando falo com alguns amigos sobre o tema de um livro ou de um espetáculo musical que li ou assisti, dizem-me estar a ficar ché-ché e que esses temas já não se usam.

Lembrei-me de uma história, em tempos ouvida, e hoje enquadro neste cenário do dia a dia. Os ratos andavam em grande medo, pois a casa onde habitavam e lhes permitia saírem tranquilamente à noite em busca de comida, foi “invadida” por um gato demasiado inconveniente. Ultimamente por cada saída, não havia regresso. Apresentaram o assunto ao “presidente”, e este deliberou convocar uma assembleia geral. Depois de muita discussão, foi aprovado por unanimidade colocar “um guiso” no pescoço do gato. Ficariam assim todos protegidos. O presidente ia dar por encerrada a sessão quando um pequenote lá bem no fundo da sala questionou: E quem vai colocar o guiso no pescoço do gato?

Pensei enviar o assunto aos tais comentadores. Afinal eles sabem tudo! É como o pecado e o prazer: Normalmente, repito, normalmente... andam juntos!



Nova Atena
Saber e Bem-Estar





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Francisco Lourenço

género

POESIA PROSA

título

Visita ao Parque dos Poetas

VISITA AO PARQUE DOS POETAS

David Mourão Ferreira e Francisco Simões

Com Isaltino de Moraes, criaram parque de emoções!

Visita ao Parque dos Poetas, organizada pelo Professor Luís Santos

Poetas vimos, ouvimos e lemos, lindo espaço de verdes encantos!

Que seria da vida humana, sem um pouco de poesia

Camões, Florbela, Cesário, bem hajam pela vossa utopia!

Caminhar no Parque dos Poetas, sentir os Poetas no Parque

Escultores muito credenciados, deram vida a obras de arte!

As artes de mãos dadas, Escultura e Poesia

Ajudam-nos a construir, a sonhar um novo dia!

Lado a lado muitas artes, Arquitetura, Poesia, Jardinagem

Promovem com sabedoria, o nascer de nova aragem!

Arvoredo, verdura, beleza, poemas escritos na calçada

Apressadamente pisam-se letras, como se não existisse nada!

Ninfas na ilha dos amores, cinturas finas, corpos sensuais

Despertam memórias guardadas, de amores idos, outros atuais!





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Graça Cêncio

gênero

POESIA PROSA

título

Desabafos de um homem frustrado

DESABAFOS DE UM HOMEM FRUSTRADO

Era o mais velho dos irmãos. José era respeitador, humilde e muito curioso. Vivia numa aldeia e nascera em 1904 numa família com poucos recursos. Portugal tinha o rendimento 'per capita' mais baixo da Europa Ocidental e verificava-se um profundo atraso económico. A actividade agrícola era a principal actividade. O sector primário concentrava 75% da população activa masculina. Os rapazes começavam a contribuir para o rendimento familiar a partir dos sete anos. A taxa de alfabetização não atingia os 30%.

José gostava muito de ir à escola e era o melhor aluno. Costumava esconder os livros para não irritar o pai, um homem rude e analfabeto.

Apesar das tentativas do professor junto do progenitor, para que deixasse o filho continuar os estudos, realçando as suas grandes capacidades e dedicação, o José foi obrigado a abandonar o seu sonho. O pai não permitia que tivesse mais privilégios do que os irmãos.

Nos poucos momentos livres, lia tudo o que apanhava.

Cedo começou a chefiar os ranchos de pessoal nas diversas tarefas agrícolas, a responsabilizar-se pelo pagamento das jornas, pelas contas nos lagares de azeite, pela realização de assuntos burocráticos dos conterrâneos e, até, pela passagem a escrito de missivas ou leitura de outras. Com frequência, pediam-lhe que escrevesse ou lesse uma carta para ou de um namorado, o que o deixava pouco à vontade. Anos mais tarde, durante a guerra no Ultramar, redigiu e leu muitas cartas que eram a única forma de matar saudades.

Já adulto saiu da terra para ir estudar. Mais uma vez teve que desistir por exigência do pai.

Já casado, começou a trabalhar para a Casa do Povo e, ao final da tarde, reunia em sua casa grupos de adultos que queriam concluir a instrução primária.

Mais tarde, quando a escolaridade obrigatória se completava com o exame da quarta classe, passou a dar apoio escolar às crianças que tinham dificuldades de aprendizagem. Foi assim que, não tendo estudado para ser professor, acabou por dedicar grande parte da sua vida ao ensino. Ensinar era a sua paixão.

Até ao fim da vida, afirmou sempre: "O que sei é pouco e o que nunca saberei é infinito. Poderia ter sido alguém, mas o meu pai CORTOU-ME AS PERNAS".





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Graça Cêncio

gênero

POESIA PROSA

título

Vontade de viver



Nova Atena

Saber é Bem-Estar

VONTADE DE VIVER

Quando te sentires infeliz

Concentra-te.

Fecha os olhos

E viaja.

Observa os que sofrem os horrores da guerra.

Olha para os que andam à deriva numa barça no oceano.

Escuta o choro de uma criança faminta.

Ouve os lamentos duma mãe que perdeu o fruto do seu ventre.

Sente o frio daquele que dorme ao relento.

Depois suavemente abre os olhos

E AGRADECE.





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Jerónimo Pamplona

género

POESIA PROSA

título

Cávado – o Rio da minha aldeia

CÁVADO – O RIO DA MINHA ALDEIA

I – A PERTENÇA

A região de Barroso é abundante em nascentes de água.

Uma delas é a do rio Cávado – o segundo maior do País.

Nasce na fonte da Pipa, em plena serra do Larouco.

Percorre 118 km para se lançar no Atlântico em Esposende.

II – A MERCEARIA

Na década de 50 do século XX, o Rio dava vida à minha Aldeia.

Acionava os quatro moinhos de água, de “vizinhos herdeiros”, que transformavam o grão do centeio na farinha do nosso pão.

Era nas suas águas cristalinas que se pescavam as trutas luzidias.

III – A PISCINA

No sítio da Presa formava-se, naturalmente, uma pequena represa.

Pelas suas águas mansas e baixa profundidade, era o local escolhido, para a criançada brincar e aprender a arte da natação.

Era ali que se aperfeiçoavam para enfrentarem outras águas revoltas.

IV – A BANHEIRA

Devido à falta de água corrente nas habitações,

havia outra necessidade que o Rio satisfazia e ofertava à comunidade, era a lavagem do corpo humano nas estações da Primavera e do Verão.

Os homens entravam na água em pelota, as mulheres ficavam nas margens!

V – A LAVANDARIA

Graças à baixa profundidade das águas naquela zona, a 5 km da nascente, eram colocadas grandes pedras lascadas formando lavadouros para lavar:

- no Inverno, as tripas de porco para serem feitas as chouriças e os paios.

- no Verão, a roupa, cobertores de lã de ovelha, lençóis, colchas e atalhados.



Nova Atena
Saber e Bem-Estar





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Jerónimo Pamplona

género

POESIA PROSA

título

Para existir basta nascer.
Para ser é preciso...

PARA EXISTIR BASTA NASCER. PARA SER É PRECISO...

“Cogito, ergo sum”. (René Descartes)

Cogito, ergo sum é uma frase do filósofo e matemático francês René Descartes (1596 – 1650). É traduzida para o português como “*penso, logo existo*”; embora seja mais correto traduzi-la como “*penso, portanto sou*”. Na versão francesa, do livro **Discurso sobre o Método** (1637) a frase é formulada como “*je pense, donc je suis*”, logo, *cogito, ergo sum* é a versão latina.

Descartes chegou a esta conclusão após ter duvidado da verdade de todas as coisas. Mas, concluiu que não poderia duvidar de que ele mesmo existia, pelo menos, enquanto “*coisa que pensa*”. Quatro anos mais tarde, em 1641, expressa esta conclusão no livro **Meditações Metafísicas** através da frase “*Eu sou, eu existo*” (“*Je suis, J’existe*”). A demonstração do Cogito dá-se de uma forma mais extensa e detalhada nas *Meditações Metafísicas*. Para Chegar ao Cogito estabeleceu dois tempos: primeiro demonstrou as razões que o levaram à dúvida hiperbólica; e em segundo lugar demonstrou como a dúvida leva à certeza indubitável de que ele mesmo existia enquanto coisa que pensa.

A conexão entre o existir e o ser leva-me até às minhas origens. Iniciei a caminhada da minha existência na década de 40, do século XX, no ano de 1942. Foi nesse ano, no mês de março que passei a **existir**. Ainda decorria a II Guerra Mundial que só terminou três anos depois do meu nascimento; e, da qual eu não tenho quaisquer memórias. Aliás, a minha primeira memória só teve lugar seis anos após a minha chegada ao mundo dos *humanos*, algures na região de Barroso, Trás – os – Montes. Foi no ano de 1948 quando fui para o primeiro dia de aulas da minha primeira classe na escola primária de Padroso. Todo ufano, levei uma bola redondinha, de borracha, que me foi surripiada, por um matulão, no intervalo da manhã. Aí, naquele momento, **senti** que era a criança mais infeliz do mundo. Chorei! Mas, aconteceu: “*Eu sou, eu existo*”!





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Jorge Proença

género

POESIA PROSA

título

Lembranças de viagens



Nova Atena
Saber e Bem-Estar

LEMBRANÇAS DE VIAGENS

Havia sempre um plano rabiscado, uma ideia de base

E a viagem fluía ao ritmo da cada um

Cada hotel era uma nova descoberta,

A máquina de gelo sempre pronta a fornecer

Cubos pequenos que adornavam as bebidas

E deixavam esse sabor fresco, que o percurso sugeria.

Cada dia, sempre com bom tempo, (que a chuva não era bem-vinda)

A surpresa envolvia cada cidade, onde a pé descobríamos segredos

E o mar, quase sempre ali tão perto, ora bravio e frio, ora quente e acolhedor

No passeio na areia quente, descobriam-se dentes de tubarão

Na orla da rebentação, que borbulhava a cada passo

E a voltinha pelo pequeno bosque que antecedia a praia

Sugeriu momentos de carinho e ternura

Na sombra esquecida das árvores que bordejavam a laguna.

No fim, o álbum imaginado, quase sempre por concretizar

Mas a memória trazia sempre ao de cima

Os novos sítios, os prazeres estivais, o gosto, a surpresa...





Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Luísa Machado Rodrigues

género

POESIA PROSA

título

Viagem ao fundo do mar



Nova Atena
Saber e Bem-Estar

VIAGEM AO FUNDO DO MAR

Vai num século o livro de memórias da viagem atlântica de Raul Brandão, “As ilhas desconhecidas”, que trouxe para a ribalta o arquipélago açoriano através do olhar de viajante atento à beleza que cada ilha oferece. A ele se deve a designação de ‘ilhas de baixo’ que aglutina o conjunto das 7 ilhas para lá da de São Miguel, a segunda de leste para oeste. Das descrições e emoções espelhadas naquela obra, ilha a ilha, destacam-se as ligadas à imponência do Pico com a sua montanha de 2351m de altitude, erguendo-se entre dois canais: a ocidente, o do Faial na ordem das 5 milhas e, a norte, o de São Jorge na ordem das 10 milhas. No alvorecer da década de 50 do séc. XX, ainda criança de tenra idade no seio de uma família de ascendência açoriana que vivia no Continente, já aspirava a visitar as ilhas e conhecer as minhas picarotas famílias. Tardou. Os tempos eram outros, mas o dia chegou. Conhecer os avós como acontecia com as crianças amigas que os tinham por perto foi marcante. Deixaram de ser a mera construção mental através das cartas quinzenais da família que a mãe lia em voz alta. A viagem aconteceu quando o pai conseguiu acumular férias e dispor de 2 meses para ir ao Pico. Para a mãe e crianças a estadia prolongou-se por mais 2 meses (de junho a setembro).

Memoráveis quatro meses que para sempre ficaram a fervilhar em mim. Tinha 5 anos e foi celebrado no Pico o inesquecível dia dos 6 anos. Os passeios e picnics na serra e no mar, o mar aberto enquanto natural escola de natação para onde fui lançada à água com umas dicas e umas cabaças atadas junto às axilas a fazer de boia, as festas religiosas musicalmente riquíssimas com coros, bandas filarmónicas e folclore, o rodopio de casa em casa de ‘imensos’ familiares e amigos, etc., tudo novidade, experiências afetivas e sensoriais de abrir para o mundo o coração e o olhar de qualquer criança.

Inolvidáveis também as travessias do ‘Canal’. Não a do “Mau tempo no Canal” celebrizado por Nemésio (São Jorge-Pico), mas a do canal do Faial visto o nosso percurso ser via Horta-Pico e vice-versa.

À chegada, viagem de sonho! Mar muito manso, um espelho azul, o céu limpo, a ‘Montanha’ sem uma nuvem, um conto de fadas perante a profusão da natureza e o carinho dos próximos acabados de conhecer!...

O regresso, sob violenta tempestade! Apenas a mãe, eu, os meus 2 irmãos, uma tia de apoio e 2 ou 3 estranhos embarcámos na ‘lança’ de cabotagem que arriscou a travessia só para passageiros do navio Horta-Lisboa. Imaginam uma prancha de *surf* em tubo de alterosas ondas? Isso! Pancadas de vagas nos costados do barco e da cabine hermeticamente fechada... Porém, não equacionava a situação! Por muito tempo julguei que atravessara o mundo do fantástico e dizia que viajara num barco que até ‘batia no fundo do mar’!!!...

Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

MULHER INTEIRA

Tenho dois cromossomas xis
sou mulher!

Tenho um odre no ventre
para gerar filhos
depois de lançada a semente,
e dois sacos no peito,
onde produzo a ração
para os alimentar e ver crescer.

Todas as luas
o meu corpo desprende
a porção de sangue que ficou,
por cada filho que não tive.
Por isso, esse sangue é virtuoso e puro
do mais puro do meu sangue!
O mesmo que percorre o meu corpo,
anima os músculos para me mover,
e circula nos meandros do cérebro,
de onde surgem o pensamento,
a opção, a decisão, o talento,
a emoção, o afeto,
a dignidade e a honra.

Por isto, não sou apenas reprodutora,
Incubadora, lactário;
Sou Mulher ínteira!

Já fui Sarai, Cleópatra, Maria Madalena;
já fui Isabel de Aragão, Leonor Teles,
Lucrecia Bórgia, Mariana Alcoforado,
Josefa d'Óbidos;
já fui Maria Pia, Florbela, Brigitte Bardot,
Catarina Eufémia, Madre Teresa, Angelina Jolie...
Agora sou anónima: portuguesa, afegã, ucraniana.

Para o bem e para o mal, fui, sou e serei,
escrava, rainha, santa, profana, pecadora,
inocente, artista, poeta, intelectual,
operária, camponesa, apaixonada, calculista
manipuladora, generosa, mulher de causas...
Mãe,
Mulher!
Sou Mulher ínteira!





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Maria de Lourdes Santos

gênero

POESIA PROSA

título

O penteado da noiva

O PENTEADO DA NOIVA

Eram duas primas muito amigas e cúmplices, apesar da diferença de idades. Sete anos as separavam. Por vezes, a prima mais velha entrelaçava as tranças da mais nova e assim os seus corações se iam entrelaçando também. Um dia, o coração da mais velha apaixonou-se; namorou e veio a casar. Para esse dia especial, convidou a prima para a pentear. Os papéis invertiam-se assim. As tranças outrora entrelaçadas pela prima mais velha, já não existiam e agora seria a mais nova a pentear a mais velha num dia especial. Planearam o penteado, o cabelo seria puxado para o topo da cabeça onde formaria um donut que seria circundado por uma coroa de pérolas que sustentaria o longo véu branco de tulle. Iniciado o trabalho, muitos ganchos foram colocados estrategicamente e ainda reforçados com muita laca, para que nada se desmoronasse! Porém, quando concluída a obra, tudo se complicou. O perímetro da coroa de pérolas era inferior ao perímetro do donut, que indiferente ao cálculo mal avaliado, permanecia altivo em tamanho XXL no alto da cabeça. Era necessário corrigir! Desfazer tudo rapidamente. O tempo escasseava e os convidados, entretanto iam chegando e dirigindo-se à sala.

A noiva, completamente despenteada para a correção necessária, sentia-se nervosa; a jovem prima lutava desesperadamente contra o tempo e contra os ganchos que outrora escondidos, se mostravam agora provocadores nas mais variadas posições de absoluta anarquia. A laca, fiel à sua função fixadora, reagia defensivamente; não permitia invasões, defendia o seu território. O nervosismo instalava-se, a noiva dava ais dolorosos. Muita determinação de ambas as partes foi necessária e finalmente novo donut emergia! Mas, mais uma vez, outra surpresa surgia. Era demasiado pequeno e era urgentíssimo aumentá-lo! Puxão daqui, puxão dali, o donut dilatou e agora sim, a noiva estava pronta e penteada para entrar elegantemente na sala, com a magia própria das noivas, onde era aguardada pelos convidados. Afinal, o donut nem era detalhadamente observável, dada a estatura baixa da maioria dos presentes! Foi uma experiência inesquecível e um reforço à amizade que unia as duas primas. Nada pôs em causa essa amizade que superou o donut lá no alto, orgulhosamente dilatado no seu trono.

Não permitir que circunstâncias pontuais, retirem a alegria, destruam a amizade, criem barreiras.... Compete-nos ter a capacidade de não deixar que incidentes de percurso desvirtuem os nossos sonhos. Não é fácil, mas não é impossível!



Nova Atena
Saber e Bem-Estar





Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

María Silveira

gênero

POESIA PROSA

título

Mar



Mar

Mar saudade

Berço da vida

Quanto me inebrias

Me apelas, mar revolto

Mar dor, mar luto

Mar serenidade

Contradição, ambivalência

Águas que desafiam

Cofre de mágoas

Poder do imenso

Ninho de felicidade,

Mar, mar, mar

Magnética atração

Para sempre contigo

Em comunhão!





Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Marina Brandão Lucas

género

POESIA PROSA

título

A Quíloa do Ouro

A QUÍLOA DO OURO

Uma saída de ouro que os portugueses procuravam conseguir dominar nos séculos XV e XVI e que vinha do Reino de Monomotapa, era Quíloa. Ficaram a conhecer esse porto de grande comércio de mercadorias desde a ida de Pedro Álvares Cabral à Índia no ano de 1500. Claro que Ibn Batuta, o geógrafo de Marrocos, já no século XIV a tinha referido.

A Kilwa Kisiwani, ilha ao sul da actual Tanzânia, na costa oriental de África, pertencia ao povo Swaili, que além do ouro, fazia comércio de escravos e marfim em troca de produtos vindos da Ásia. Muita seda escorria naqueles negócios de cobiça. Vasco da Gama, no regresso da segunda viagem à Índia em 1502/3 invadiu a ilha e tornou-a tributária do Reino de Portugal. E assim, nesse ano trouxe o primeiro ouro de Quíloa (dizem que 1.500 meticais) que o rei D. Manuel usou, mandando fazer a um ourives, um tal Gil Vicente amante das letras, uma custódia, em estilo gótico.

Quando ficámos em Quíloa Masoko, na parte continental africana, para a série de documentários A GRANDE VIAGEM, foi uma aventura. O hotel chamava-se Hilton, mas o quarto era do tamanho da cama; se queríamos pequeno-almoço tínhamos que ir cedo ao mercado da rua comprar uns fritos de farinha e comer uma sopa aguada de carne de vaca, muito local; o jantar, frango assado, tinha que ser encomendado cedo para comer com um pedaço de arroz, sempre com a miudagem a espreitar-nos e a rir, o sol a pôr-se num laranja vibrante e depois, num instante, cair a escuridão total.

Feita numa manhã uma viagem rápida de barco à vela, naquele azul Índico, já se mostravam à distância as ruínas do que outrora tinha feito a grandeza de Kilwa, a Kisiwani: mesquita, casa do governador, prisão, tudo em pedra de coral, madeiras velhas nas portas trabalhadas ... Por entre os mangais e com a maré baixa saímos em terra para explorar o que restava também do Forte de Santiago que os portugueses tinham construído em pedra e cal. Por lá estiveram apenas cerca de dez anos porque os tributos locais num instante deixaram de ser pagos a um rei tão distante como era o de Portugal. Morcegos escondidos da luz eram às centenas nas pequenas abóbadas da grande mesquita de muitos arcos em ogiva e mexiam-se em onda colectiva; as grossas velas remendadas dos barcos, batiam ao de leve com o vento; o peixe miúdo secava ao sol em redes improvisadas; a maré ia enchendo. Tudo o resto não existia.

Quanto à Custódia de Belém ou dos Jerónimos, essa está no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa, aquietadas as aventuras que teve, porque dizem que os franceses a levaram depois das Invasões, que foi devolvida, que esteve quase a ser derretida para ouro na Casa da Moeda e salva pelo Rei D. Fernando II, o que sabia de arte. E quem for ao Museu, ali nas Janelas Verdes - mais fácil agora do que ir a Quíloa - pode ler na base da custódia a seguinte inscrição: o muito alto príncipe e poderoso Senhor Rei D. Manuel I a mandou fazer do ouro e párias de Quíloa. Acabou 1506

É assim. Ficou para a História.



Nova Atena

Saber e Bem-Estar





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Mítú Branco

género

POESIA PROSA

título

Arco-íris em tempo de guerra



ARCO - ÍRIS EM TEMPO DE GUERRA

Branco

o lenço da Paz que agitas no ar
e a lágrima silenciosa que desce pelo teu rosto triste,
revoltado pela dor que te fazem passar

Verde

a erva rasteira que chora magoada quando a vêm pisar
e se encolhe receosa dos passos sangrentos que a querem matar

Azul -Amarelo

da bandeira soberana que em vão os teus inimigos querem subjugar
e ondula orgulhosa, livre no ar

Vermelho

o teu coração que continua a acreditar que todas as cores voltarão
como o arco-íris que depois da tempestade se abre,
sorri
e vem para te libertar





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Mítú Brannco

género

POESIA PROSA

título

À porta



Nova Atena
Saber e Bem-Estar

À PORTA

Quero sentar-me na soleira da porta.
Olhar a pequena cerejeira que plantei.
Vê-la crescer tão lentamente
como o sopro do ar que corre no Verão.
Cada folha verde
cada cereja vermelha
são um gosto
uma alegria
uma ante-lembrança do que está para vir.
Quero, na quietude cinzenta do Inverno,
deixar-me envolver pela manta velha e desbotada.
Aconchegar-me do frio
e não querer mais nada





Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Pilar da Encarnação

género

POESIA PROSA

título

O meu gatinho chamado
TICO



Nova Atena
Saber e Bem-Estar



O MEU GATINHO CHAMADO TICO

Pequenas orelhas sempre atentas,
um narizito cor-de-rosa,
uns bigodes que pareciam antenas
e me acordavam logo pela manhã,
um olhar firme nada servil,
olhos francos e leais que pouco tinham de gato,
um pelo macio, sedoso, aveludado,
umas pantufas brancas caminhando silenciosas,
uma bola de peluche a ronronar...
Um animal meigo, sociável, sempre pronto pra brincar,
companheiro ternurento,
amigo dos meus amigos,
explorador curioso.
Partiu há pouco para os jardins celestiais,
depois de dezoito anos a fazer parte da família;
ainda o oiço pelos cantos,
ainda o sinto por aí,
ainda espero que se instale no meu colo
a ronronar...



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Pilar da Encarnação

gênero

POESIA PROSA

título

Reflexão sobre a Paz



Nova Atena

Saber e Bem-Estar

REFLEXÃO SOBRE A PAZ

Estou aqui neste extremo do Ribatejo, rodeada de montes matizados com os mais variados verdes. Lá ao fundo, a barragem com as suas águas prateadas que brilham ainda mais quando o sol espreita por entre as nuvens. O dia está de aguaceiros; embora com boas abertas, a chuva tem caído com alguma intensidade. É uma chuva abençoada. Os campos estão lavados e viçosos. À minha volta a Primavera despertou em todo o seu esplendor. Algumas árvores de fruto apresentam os seus primeiros rebentos, enquanto outras estão já em plena floração. A flor de laranjeira bem como as azáleas, as camélias e as glícínias, perdem as suas pétalas que atapetam o chão. Há mil aromas no ar; inúmeras abelhas e abelhões são atraídos por estas fragâncias. A passarada treina os seus gorjeios primaveris.

Tudo à minha volta é silêncio, paz e harmonia. Fecho os olhos. Por momentos, o mundo parou. Nada mais existe para além deste pequeno recanto perdido na imensidão. Apenas por momentos, esqueço a dor e o sofrimento do corajoso povo ucraniano, esqueço as crianças separadas dos seus pais, levadas não se sabe para onde, esqueço a guerra, a destruição e a morte. Apenas por momentos! De novo a realidade se impõe... lá, não muito longe, na Europa, um país é cruelmente destruído e o seu povo massacrado pelo invasor. A angústia invadiu o meu coração. Lembro outros povos e outros sofrimentos. As crianças do Líbano, o povo Rohingya ou os massacres em África ... e procuro o sentido para tudo isto. Creio firmemente que esse sentido existe embora não o encontre. Procuro visualizar um mundo melhor onde a Paz seja uma realidade para todos, onde predominem os abraços e as crianças sejam felizes, um mundo onde as armas sejam desconhecidas porque se tornaram inúteis. A Esperança vai-me invadindo e agarro-a com ambas as mãos. É preciso acreditar que melhores dias virão! Cooperação, União, Reconstrução, tudo é possível.

A PAZ É POSSÍVEL!





Vamos trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

nome

Teresa Castro Nunes

género

POESIA PROSA

título

Outro Eu

OUTRO EU

Uma caixa. Dentro da caixa, muitas fotografias. Soltas e também em envelopes. Nas costas, ora sem legendas, ora com legendas, presas a uma data, a um local. Em muitas, os nomes, que os nomes são importantes, dizem “quem”. De um tempo outro, perpetuado em estranho caos. Um caos que traduz o amontado das recordações que se guardam, que se fixam, que se esquecem. Um tempo fora do tempo.

Sentei o meu pensamento, um pedacinho, ali. Sorri-lhes. A todas. Em todas havia histórias e risos e lágrimas e momentos e presenças e ausências... generosas memórias em ritmo sincopado de linguagem!

A caixa escorregou no meu colo. Segurei-a a tempo de evitar o derrame. Mas uma caiu. Estendi a mão para a trazer de volta à desordem. Olhei-a e sorri mais. Sorri para esse outro eu adolescente de um outro Maio.

Era verde o campo. E eu em vaporoso vestido branco que a minha mãe fizera. Eu sentada entre ervas e flores. Eu debruçada sobre a minha viola. Eu... faltavam todas as outras! O pensamento ondulou pelo espaço como se ainda sentisse a alegria e a brisa daquela tarde quente.

Eram do liceu esses tempos. Ouvei os risos, ouve as campainhas, ouve os ralhetes, ouve as alegrias, ouve...tudo! E a tudo sorri. À minha frente, o rosto da professora Isabel Leonor, de Desenho, com a eterna mansidão que a todas convencia... um dia seríamos artistas, pintoras... eu sei lá! Acreditávamos. E ela levava-nos, ali, ao campo, para celebrar as “Maias” ... O pai de uma filmava. Em condigno vestido branco comprido, tínhamos de dançar ao som da música. Levaram-se as violas. E eu levei a minha. Reza a fotografia, eu tocava.

Certo? Não. Errado. Ainda que tivesse uma viola, nunca, mas nunca aprendi, nunca fiz qualquer esforço por aprender a tocar. Quis uma viola porque sim. Dava “aquele ar” ... A viola ficava bem no meu quarto, a viola compunha o meu eu social nos passeios, a viola levava-me às festas onde eu a emprestava com a rapidez necessária a nunca permitir que me pedissem para tocar. Querida viola!

Mas a viola era também alvo de cobiça. Quantas zangas e discussões com o meu irmão mais velho. Que lhe emprestasse. Nem sonhar com ela era bom, gritava-lhe eu, quando o tom do pedido se tornava mais agressivo. Guardada com o maior cuidado na casa de S. João do Estoril, dali saía apenas comigo, até ao dia... a casa foi assaltada e... nunca mais a vi! E as fraternas discussões rumaram a outras quezílias.

Querida viola! Querido vestido branco! Querida tarde de Maio!

Querida fotografia de tempos alforriados da sua dimensão cronológica!

Pousei-a entre as demais. Fechei a tampa. Sorri. E de mansinho, adormecia esse outro eu...



Nova Atena
Saberes e Bem-Estar





MAIO

2022



Nova Atena

Saber e Bem-Estar



Vamos Trazer a Palavra Escrita aos Nossos Dias!

NOVA ATENA – UNIVERSIDADE SÉNIOR DE LINDA-A-VELHA
www.novaatena.pt

COORDENAÇÃO Midá Sá-Chaves
DESIGN GRÁFICO Carlos Lopes